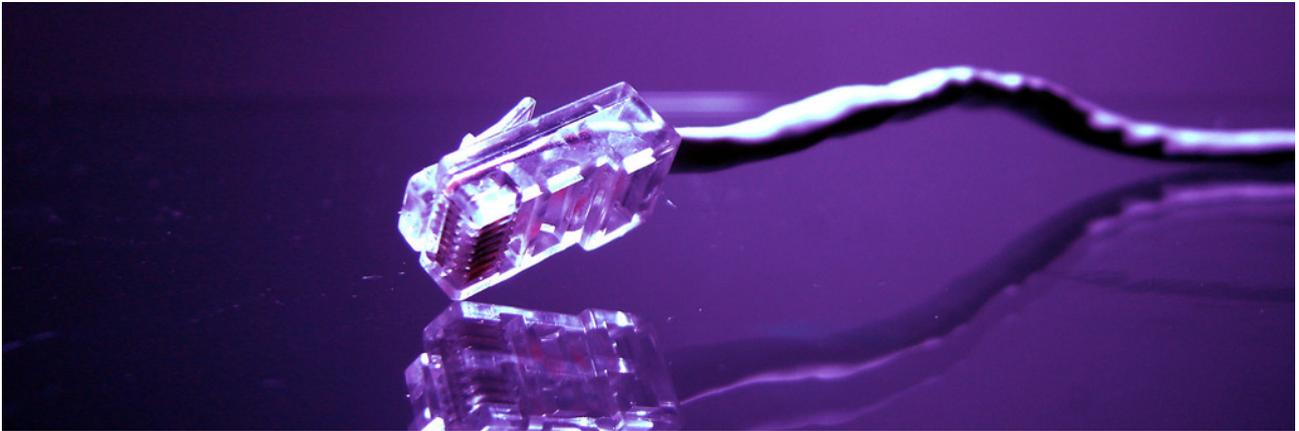




**Vaguear na Maionese**  
Paulo Falcão Alves

## Novo Proletariado



Nestes últimos anos o mundo evoluiu de forma inigualável e vertiginosa. Entramos numa era onde tudo é feito com base na interconexão e partilha. Habitamo-nos a viver num planeta sem fronteiras, sem tabus, onde tudo é passível de ser questionado e transformado de acordo com os nossos ideais e valores – um mundo altamente tecnológico.

De todas as grandes transformações que a tecnologia nos tem brindado aquela que mais me tem inquietado é a queda da nossa multiplicidade em prol de uma singularidade solitária onde todos tendemos gradualmente a ser mais idênticos numa sociedade altamente individualizada e controlada.

Enquanto no passado, o ideal social dependia do equilíbrio entre liberdade e segurança – quanto mais liberdade menos segurança, hoje, no meio deste rebuliço tecnológico, o ideal social depende do equilíbrio entre privacidade e controlo – à medida que abdicamos da nossa privacidade vamos permitindo um maior controlo sobre as nossas vidas, sobre os nossos interesses – sobre os nossos sonhos!

Parecemos caminhar paulatinamente para um mundo homogéneo onde as diferenças passam a ser vistas como algo intolerável e as vozes divergentes tendem a ser asfxiadas por uma sociedade frenética sem tempo de reflexão.

Assusta-me esta ideia de um mundo alienado dos grandes problemas sociais, assente na exploração da privacidade, do nosso íntimo, dos nossos gostos, alimentando gratuitamente grandes indústrias tecnológicas como a Google, o Facebook ou a Apple.

Se para Marx o proletariado do século XIX era responsável pela produção da mais-valia e os capitalistas representavam a máquina que transformava essa mais-valia em capital excedente, hoje somos nós, os empregados, os desempregados, os pobres, os ricos, os migrantes, os aposentados, os estudantes – os responsáveis pela produção dessa mais valia através da partilha gratuita das nossas vidas em troca de um imediatismo narcisista alicerçado numa exposição global graciosa que subtilmente nos converteu no novo proletariado do século XXI.